

P - Identificação e Caracterização de Tombamentos

Embora as atividades de Produção e Escoamento de Petróleo e Gás Natural do Campo de Marlim Leste, Módulo II, na Bacia de Campos não representem danos ao Patrimônio Histórico e Arqueológico da Área de Influência das atividades, uma vez que a maioria dos sítios arqueológicos identificados na região e cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN encontra-se em território continental, há indicação de localização de sítios em áreas litorâneas que devem ser considerados sob o aspecto do risco de acidente, que se caracterize pelo derramamento de óleo, sem que nenhuma medida seja executada para evitar a aproximação e eventual contaminação da costa, de acordo com a modelagem de dispersão da mancha realizada para este estudo.

A descrição dos aspectos que caracterizam os tombamentos localizados no território atualmente composto pelos municípios da Área de Influência destas atividades vem em atendimento ao item constante do Termo de Referência CGPEG/DILIC/IBAMA Nº 013/07, que orienta este Estudo de Impacto Ambiental.

Ocupação Pré-histórica

As primeiras ocupações registradas para o Estado do Rio de Janeiro, de acordo com estudos de Beltrão (1978) e Mendonça de Souza (1981, 1983, 1995), remontam a grupos caçadores-coletores generalizados, cujos principais vestígios são os artefatos lascados de quartzo (hialino), encontrados no interior do estado. A pesquisa desses grupos ainda é reduzida na região, mas o norte do estado tem apresentado vestígios de ocupações, em sítios que apresentam artefatos lascados, que podem ser associados a grupos do estágio Paleoíndio, que tem uma cronologia em torno de 11.000 anos A.P. (Antes do Presente). Para sítios desses grupos, pode-se mencionar as pesquisas de Dias Jr. (Gaspar, 2000).

Na área do litoral, registra-se a ocupação mais antiga em torno de 8.000 anos A.P., em sítios do tipo sambaqui, que são elevações artificiais, com altitude variando entre 2 m até mais que 25 m de altura, construídas por pescadores-coletores-caçadores, constituídas por inúmeras camadas formadas, principalmente, por conchas de moluscos, bem como por ossos de peixes,

mamíferos, aves e répteis, sementes e coquinhos, sepulturas humanas, restos de fogueira, marcas de habitação e, por vezes, artefatos líticos e ósseos, adornos e esculturas, como os sambaquis encontrados, por exemplo, em Saquarema, Cabo Frio, Arraial do Cabo e Armação dos Búzios. Essas elevações eram utilizadas por estes grupos não apenas como moradia, mas também, para enterramento dos mortos. Em regiões litorâneas, os sambaquis, do tupi *tamba* (marisco) e *ki* (amontoado), geralmente estão localizados em áreas próximas ao mar, dunas, restingas e mangues, além de eventualmente localizarem-se em ilhas (Gaspar, 2007, 2004). Em Mendonça de Souza (1993) é citada a existência de sambaquis fluviais, desde a desembocadura do rio Itabapoana, na divisa do município de São Francisco de Itabapoana com Presidente Kennedy, no Estado do Espírito Santo, penetrando por sua calha, mesmo em áreas distantes do mar, em água doce. Em outros trabalhos realizados no litoral fluminense, mais precisamente em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, Kneip (1981), apresenta uma datação de 7.958 ± 224 A.P.

Para a ocupação dos sambaquieiros, denominação dada aos construtores de sambaquis (Gaspar, 2007), foi identificada a fase Macaé (Gaspar, 2000) que dispõe de datações entre de 7830 ± 130 e 3975 ± 160 A.P., sendo que essa fase teria uma expansão limitada entre o litoral do Rio de Janeiro e São Paulo. Esses grupos estariam assentados em áreas de mangues, restingas, dunas e praias, apresentando uma dieta voltada para o consumo de moluscos.

No município de Cabo Frio, por exemplo, existem diversos sambaquis cadastrados pelo IPHAN, como o Sambaqui Ilha da Boa Vista I, com 42m de diâmetro e 2,10m de altura, que se localiza na planície alagada entre os rios Una e São João (Barbosa, 2000). A datação deste sambaqui, que serviu de moradia de pescadores-coletores-caçadores, remonta a 3.480 anos A.P. Nesta mesma área se encontram mais três sítios: Boa Vista II, III e IV. Outro que merece destaque é o Sambaqui do Forte (Gaspar, 1996), localizado na praia de mesmo nome, próximo ao canal do Itajuru.

Em Saquarema, Kneip (2000) pesquisou, entre 1987 e 2000, seis sambaquis: Beirada, Moa, Pontinha, Saquarema, Saco, Madressilva, além de dois sítios de grupos horticultores-ceramistas da Tradição Tupiguarani, totalmente destruídos para a retirada de areia. Esses sambaquis apresentam datações variando entre

4.520 ± 190 a 1.790 ± 50 anos A.P. Segundo esta pesquisadora, diferentes grupos culturais, portadores de diferentes tradições tecnológicas, ocuparam a faixa litorânea de Saquarema, com o predomínio da atividade pesqueira.

No município de Rio das Ostras, o Sambaqui da Tarioba (Dias Jr., 2001) merece destaque. Localizado no final da década de 1960, na praia da baía Formosa, em uma área ocupada por uma praça pública, com o passar do tempo e a urbanização da cidade, teve 2/3 de sua área destruída. A parte preservada, localizada dentro da área de uma residência particular, transformada em Casa de Cultura, foi pesquisada e transformada em museu. No local, encontra-se em exposição o material arqueológico resgatado, inclusive sepultamentos humanos, da mesma forma em que foram localizados durante os trabalhos arqueológicos. As datações desse sambaqui variam entre 3.620 e 3.440 anos A.P.

Segundo levantamentos bibliográficos e cadastrais feitos por Gaspar (1996), foram identificados 64 sambaquis na área que abrange a bacia hidrográfica dos rios São João, Una e a Lagoa de Araruama, todos localizados exclusivamente na faixa litorânea, sendo quinze totalmente destruídos, onze parcialmente destruídos, dezessete ainda intactos, cinco pouco alterados e em dezesseis não foi possível verificar o estado de conservação. Esta área engloba os municípios de Saquarema, Araruama, Cabo Frio, Armação dos Búzios e Casimiro de Abreu.

É importante ressaltar que os sambaquieiros foram o grupo que produziu a maior quantidade e diversidade de vestígios de sua existência, visto que ocupavam por longos períodos a mesma localidade, além de ter o costume de acumular restos faunísticos usados na sua alimentação e que eram utilizados como material construtivo, de acordo com Gaspar (2000). Entretanto, boa parte destes vestígios foi destruída em decorrência da exploração de cal utilizada para a construção imobiliária desde os tempos da colonização européia.

A ocupação que sucede aos sambaquieiros é a chamada Tradição Itaipu, em suas duas divisões, chamadas de fase A e fase B, apresentando sítios de ocupação de ambientes dunares, com uma dieta voltada para o consumo de peixes (Gaspar, 2000) e uma ênfase maior na coleta de vegetais, além da caça e da pesca serem mais diversificadas (Seda, 2001). Segundo este autor, essas populações são chamadas de coletores-pescadores generalizados. A característica mais marcante desses grupos foi o desenvolvimento de

instrumentos em carapaças de moluscos, na confecção de facas, raspadores, etc. Os sítios da fase A são localizados na beira de mangues e lagoas de pouco movimento, mais interioranos, com ênfase na coleta de moluscos. Os sítios da fase B, mais recente, localizam-se em áreas de praias de mar aberto, fixando-se sobre dunas estáveis, com dimensões variáveis, com economia voltada, principalmente, para a pesca. Seu assentamento preferencial está relacionado ao final de longas praias, onde a curvatura do litoral é mais acentuada. Gaspar (*op cit.*) considera um fator importante para ocorrência desses sítios a existência de lagoas, em especial onde a arrebentação é menos violenta e que contam com mangues. Nas camadas superiores desses sítios pode ser observada a presença de material cerâmico, mas não há nenhuma relação estabelecida. De acordo com Gaspar, esses grupos podem ter desenvolvido uma forma de cultivo incipiente de vegetação associada a essas lagoas. As datações para essa fase se situam por volta de 4.000 A.P. (Seda, 2001).

A ocupação subsequente é chamada de Horizonte Horticultor, com a chegada de grupos detentores de tecnologia cerâmica e domesticação de vegetais, que era a base da subsistência desses grupos. O primeiro assentamento que chegou a esta área e foi registrado nesse horizonte é conhecido como Tradição Una, formado por sítios de pequenas dimensões, classificados como pequenas aldeias. Sua cronologia varia entre 4.000 e 3.500 anos A.P., até a chegada do europeu na região. Existem relatos da ocorrência de grupos dessa tradição na serra fluminense até o século XVIII (Seda, 2001).

Esses grupos se assentaram tanto no interior como no litoral, localizados principalmente em Cabo Frio e Saquarema (Kneip, 2000). São caracterizados por uma ocupação mais sedentária, com uma horticultura incipiente. Identificada, originalmente, por Gaspar (2000), essa tradição é composta pelas fases Urural, Mucuri, Ipuca, no Rio de Janeiro, onde foram localizados restos de tubérculos em sítios arqueológicos. Exemplos dessa tradição também foram encontrados em outros estados, como Minas Gerais, com a ocorrência de restos de milho (espigas, sabugos e grãos) na Gruta do Gentio e na Lapa do Boqueirão Soberbo (Seda, 2001), Espírito Santo, Goiás e Bahia. O estudo dessas populações indicou um alto consumo de carboidratos, cáries e desgaste dentário (Seda, 2001).

Essas ocupações podem ser divididas em dois padrões: para o interior, os sítios, em sua maioria, ocupam abrigos sob-rocha, e no litoral são aldeias a céu aberto. A cerâmica aparece pouco depois da horticultura. É uma cerâmica marcada por vasilhames de pequenas e médias dimensões, de contornos simples e, eventualmente, carenados. Seu antiplástico predominante é mineral (areia, quartzo, etc.), apresentando casos onde se utiliza carvão e cinzas. A superfície é predominantemente simples, com o tratamento entre bem alisada e polida, com raros casos em que se observa a decoração plástica. Além do material cerâmico, esta tradição possui uma indústria de artefatos em osso e concha bem marcados, além de artefatos líticos lascados e polidos, tais como: lâminas de machado polido em diabásio, percutores em granito e diabásio, quebra-cocos, moedores e alisadores em gnaiss (Gaspar, 1996). Os sítios de grupos horticultores-ceramistas de Saquarema (Kneip, 2000) apresentavam oito formas diferentes de vasilhames, com tigelas e vasos de função utilitária e cerimonial, com cerâmica simples, pintada, corrugada, escovada e entalhada.

No que tange a indústria lítica, de acordo com Prous (2006), artefatos em pedra são raríssimos e atípicos no litoral carioca. Os instrumentos mais comuns são pequenas lascas cortantes de quartzo, ágata ou calcedônia. Também se encontram lascas de lâminas polidas em basalto, diabásio ou anfibólito. Alguns pequenos seixos ovóides e polidos eram usados provavelmente para o alisamento da cerâmica antes da queima. Plaquetas de arenito ou gnaiss apresentam facetas de polimento que resultam da ação do polidor manual na fabricação de lâminas, ou canaletas, quando foram usadas como calibradores para objetos cilíndricos. Os objetos polidos são lâminas de machado, de forma trapezoidal e achatada, bem como cinzeiros.

Quando da chegada dos colonizadores europeus, a Tradição Tupiguarani ocupava boa parte do território nacional. A origem dessa tradição é, possivelmente, na região amazônica, há 5.000 anos A.P., chegando ao Rio Grande do Sul há 1.220 anos A.P. (Seda, 2001). A cerâmica destes grupos é extremamente decorada, apresentando pintura policroma e padrões geométricos. Os sítios seguem o padrão de aldeias a céu aberto e os enterramentos eram primários ou secundários e a alimentação desses grupos baseava-se no cultivo

da mandioca. No litoral do Rio de Janeiro são conhecidas três fases dessa tradição: as Fases Guaratiba (970 ± 100), Sernambetiba e Itabapoana.

É possível afirmar, portanto, que o litoral do Rio de Janeiro foi palco de um desenvolvimento cultural intenso.

Ocupação Histórica

Como a Arqueologia está preocupada em recuperar e entender as formas sociais que o homem desenvolveu em seu passado, as formas sociais históricas que ocorrem nas Áreas de Influência Direta e Indireta das atividades, espelhadas na cultura material remanescente, também fazem parte do presente estudo.

O processo de ocupação colonial de toda a região Norte Fluminense remonta às primeiras tentativas de estabelecimento de benfeitorias coloniais, como é o caso de Vila da Rainha, uma das primeiras cidades fundadas na região, erguida em 1539, próxima ao rio Itabapoana, por Pero Góis, donatário da Capitania de São Tomé, também conhecida como Capitania de Paraíba do Sul. A cidade foi destruída duas vezes pelos índios Goitacás. Sua localização exata, entretanto, ainda não foi encontrada (Mendonça de Souza, 1993), sabendo-se, apenas, que se encontrava no território do atual município de São Francisco do Itabapoana.

De acordo com os jesuítas, que os apelidaram de “tigres humanos”, devido à sua ferocidade, os Goitacá eram considerados índios diferentes das demais tribos encontradas no Brasil, com linguagem, costumes e até mesmo compleição física distintos. Por não se miscigenarem com outras tribos, não deixaram vestígios, além de raros sambaquis.

Em 1652, com a instalação do primeiro engenho açucareiro no município de Campos dos Goytacazes, grandes fazendas foram estabelecidas na região com a implantação do ciclo da cana-de-açúcar, criando um grande patrimônio histórico a ser observado. Entretanto, muitas dessas construções não chegaram aos dias atuais intactas, o que demandaria uma atenção de trabalhos arqueológicos. Soma-se a isso outras formas de construções que existiram tanto nas fazendas, como nas pequenas cidades, que remontam aos habitantes mais antigos da região, possibilitando reconstituir o processo ocupacional da área.

A partir desse ciclo econômico, um fato importante que marca uma nova forma de vestígios foi a importação intensa de escravos da África, tornando essa região uma das mais ricas do estado, graças ao tráfico negreiro, que perdurou mesmo com a proibição inglesa. Grandes fortunas foram feitas com essas atividades, impulsionando a economia da região e estruturando grupos poderosos, a partir da escravidão. Com esse desenvolvimento econômico, cresceu o número de escravos na área e, com isso, as construções destinadas a abrigá-los. Tem-se registrado a ocorrência de senzalas e pelourinhos, bem como outras construções por toda a região (Mendonça de Souza, 1993). O município de Rio das Ostras, por exemplo, era rota obrigatória e entreposto comercial de escravos entre os municípios de Macaé e Cabo Frio, onde desembarcavam na praia do Perú, de acordo com documentos do século XIX (Fonseca Jr, 2004). O entreposto, onde eram alojados os escravos recém-chegados, era localizado no morro do Limão, onde se localiza atualmente o late Clube de Rio das Ostras. Em Cabo Frio, na entrada da barra do rio Itajuru, de acordo com Almeida Lima (1998), constatou-se a existência de barracões com utensílios próprios para navios destinados ao tráfico.

De acordo com registros do século XVIII, foram documentadas diversas fugas de escravos para quilombos da região de Rio das Ostras. Na região serrana, em direção a Casimiro de Abreu, fugitivos quilombolas se instalaram em Sana. Os quilombolas refugiavam-se nos sertões, longe da foz do rio São João, localizado entre os municípios de Casimiro de Abreu e Cabo Frio, visto que a área era fortemente vigiada pelas autoridades. Outro quilombo detectado na região localizava-se na praia Rasa, em Armação dos Búzios. Nas matas da região de Macaé localizava-se o Quilombo dos Três Picos ou Quilombo de Santo Antônio do Ouro, segundo documentos da época (Almeida Lima, 1998).

Um outro tipo de sítio relacionado aos escravos encontrado nessa região é o Cemitério de Manguinhos, localizado no litoral do município de São Francisco de Itabapoana. Este tipo de sítio demonstra uma prática, por parte dos comerciantes de escravos, de seleção dos mais fortes para a venda. Esta seleção era feita a partir dos enterramentos (não sepultamento) daqueles elementos que não teriam sobrevivido ao transporte até o Brasil, e daqueles que teriam algum tipo de doença (Mendonça de Souza *et al*, 1994).

Com a proibição do tráfico de escravos, o contrabando tornou-se constante por toda a Província do Rio de Janeiro, principalmente no litoral norte fluminense, onde as enseadas propiciavam aos comerciantes ilegais um esconderijo perfeito das autoridades. Documentos da época relatavam esse tipo de ocorrência nos arredores de Cabo Frio, Macaé e São João da Barra (Almeida Lima, 1998).

A Arqueologia Regional

A região sudeste é alvo de pesquisas arqueológicas sistemáticas desde a segunda metade do século passado que, em sua maioria estudavam sítios arqueológicos isolados. Devido a esse tipo de abordagem, os dados disponíveis, embora frutos de um elevado volume de publicações, muitas vezes mostram-se incompletos, dificultando o delineamento de um quadro regional mais amplo. Para traçar um quadro da arqueologia regional nas Áreas de Influência Direta e Indireta das atividades, a região em estudo encontra-se restrita ao Norte Fluminense.

As ocupações do período pré-histórico, de um modo geral, podem ser colocadas como se iniciando em torno de ± 10.000 A.P., com datas variando entre 6.000 e 1.000 anos A.P. para os grupos que posteriormente ocuparam a faixa litorânea (Gaspar, 2000), seguindo-se pela presença de grupos horticultores-ceramistas Tupiguarani, que se instalaram na região entre 1.800 e 1.000 anos A.P., de acordo com datações arqueológicas de cerâmica associada a estes grupos (Fausto, 2005), chegando aos grupos indígenas que entraram em contato com os colonizadores europeus. Dentre esses grupos, deve-se destacar o papel de índios como os Goitacá, que mesmo com um contato intenso com o europeu, através das sucessivas batalhas travadas, optou por permanecer com o seu padrão cultural, culminando, de acordo com alguns autores, na sua união com o grupo Puri.

No que diz respeito ao período histórico, têm-se dois tipos de sítios que devem ser observados. O primeiro tipo são sítios que possuem remanescentes da vida cotidiana dos grupos de colonizadores europeus que aqui chegaram. O segundo tipo representa os sítios de origem da etnia negra, resultado tanto do sistema escravista (senzalas, cemitérios, muros etc.), quanto dos movimentos de revolta desses escravos (quilombos e outros assentamentos).

Para o levantamento do panorama arqueológico da região foi feito um levantamento com base no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), para a identificação de cada sítio da área de influência da atividade.

Na região estudada, foram identificados, de acordo com o CNSA, 210 sítios arqueológicos em área continental.

Os sítios estão concentrados nos municípios de Campos dos Goytacazes (11), São João da Barra (8), Macaé (14), Rio das Ostras (1), Casimiro de Abreu (4), Cabo Frio (100), Armação dos Búzios (11), Arraial do Cabo (25), Saquarema (24), Araruama (12).

Segundo dados do IPHAN, São Francisco do Itabapoana é o único município da área em estudo que não apresenta registro de ocorrência de sítios arqueológicos até o presente momento.

Para montar um quadro que expusesse o panorama arqueológico da área em questão, foi feito um levantamento, com base no CNSA do IPHAN, que identificasse a natureza de cada sítio, mas que mantivesse o foco na faixa litorânea, delineando não somente o contexto arqueológico, mas identificando os sítios que pudessem estar próximos de águas marítimas e passíveis de serem atingidos por um eventual derramamento de óleo ou acidentes similares.

Para a definição da localização dos sítios, partiu-se do princípio de que a faixa litorânea é formada pelo cordão de praia e pelo ecossistema de transição, ou seja, mangues ou áreas de restinga, sujeitas em maior ou menor grau à influência das marés. Os sítios arqueológicos localizados fora dessa faixa de ação e sem contato com o mar não sofrem nenhum tipo de ameaça que possa ser ocasionada por essa atividade, mesmo que estejam inseridos no território dos municípios relacionados às atividades.

Do total de sítios arqueológicos contabilizados (210), aproximadamente 54% se encontram na faixa litorânea. Esse percentual é aproximado, uma vez que muitos registros não especificam a distância dos sítios em relação à costa ou apresentam dados muito subjetivos em relação ao contexto no qual os sítios estão inseridos. Sendo assim, esse número representa apenas a parcela de sítios com registros que contemplam essa informação, sendo que esse número poderia

aumentar caso fosse feito um trabalho específico com a finalidade de posicionar os sítios arqueológicos listados em relação ao contexto litorâneo em foco.

Uma parcela considerável dos sítios identificados próximos ao litoral se enquadra na categoria pré-histórico ou pré-colonial, predominando os do tipo sambaqui.

No município de Armação dos Búzios, cerca de 91% dos sítios arqueológicos identificados e cadastrados pelo IPHAN estão situados em área litorânea. Campos dos Goytacazes tem 55% dos sítios registrados na mesma situação. Isso também pode ser considerado para Cabo Frio (50%), São João da Barra (38%), Macaé (36%), Casimiro de Abreu (75%), Arraial do Cabo (72%), Saquarema (71%) e Araruama (17%).

Alguns destes sítios listados na faixa litorânea estão localizados ou muito próximos no cordão de praia. Em Cabo Frio, o sítio Duna da Boa Vista está localizado a 500m do Forte de São Mateus, no cordão arenoso de dunas, em meio à vegetação de restinga, a poucos metros da linha d'água. Apresenta artefatos em material lítico polido e lascado e estruturas funerárias. Neste mesmo município, entre o Canal de Itajuru e o mar se encontra o sítio Fortaleza Inglesa, com vestígios de construção histórica. Em Armação dos Búzios, o sítio Barracuda, que apresenta material cerâmico da Tradição Tupiguarani, bem como ossos humanos e se encontra tão próximo da água que sofre as conseqüências da erosão marinha. O mesmo ocorre com o sítio do Ouriço, que apresenta estruturas funerárias e material lítico lascado. Ainda nesse município, o sítio Dunas da Casa do Sr. Abel está localizado nas dunas que se estendem por todo o canto esquerdo da praia de Geribá e apresenta vestígios de estruturas funerárias, bem como material lítico lascado e polido. Em Arraial do Cabo, o sítio da Prainha, que apresenta vestígios cerâmicos e de material lítico lascado, bem como estruturas funerárias, localiza-se sob uma duna e é atingido pela maré alta. Em Macaé, o sítio da Ilha de Santana, que apresenta estruturas funerárias e material lítico lascado, foi encontrado à beira-mar, junto a uma estrada (IPHAN, 2007).

Caracterização de Tombamentos

Em que pese às Unidades de Conservação da Natureza presentes na região estudada (descritas no item dedicado ao diagnóstico do meio biótico), nas áreas costeiras dos municípios das Áreas de Influência Direta e Indireta das atividades não há registro de Sítios do Patrimônio Mundial Natural e Reservas da Biosfera, ambos instituídos pela UNESCO.

Para o levantamento de bens tombados na esfera federal do patrimônio histórico e cultural dos municípios que fazem parte da Área de Influência das atividades, foi consultado o cadastro de bens tombados do Arquivo Noronha Santos, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Este arquivo possui quatro Livros do Tombo: Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, Livro Histórico, Livro das Belas Artes e Livro das Artes Aplicadas, onde foram encontrados 12 registros de bens tombados pelo IPHAN, sendo que no Livro das Artes Aplicadas não foi encontrada nenhuma ocorrência de bens tombados¹. Deste somatório, alguns bens merecem ser destacados. Para isso, considerou-se o seu valor histórico e, em maior grau de importância, o nível de exposição ao ambiente marinho, em função das características das atividades. Cabe salientar que este destaque é dado por razões preventivas, uma vez que estes bens não se encontram na Área de Influência Indireta das atividades. Outros bens tombados que se encontram dentro dos municípios da AII, mas fora do ambiente costeiro, foram contabilizados acima, sendo que, neste momento, considerou-se desnecessária qualquer referência adicional. A listagem destes bens pode ser observada no Quadro II.5.3-98.

Os municípios que aparecem nos registros do IPHAN (Arquivo Noronha Santos) são: Campos dos Goytacazes, São João da Barra, Casimiro de Abreu e Cabo Frio.

¹ Alguns bens tombados possuem registro em mais de um livro.

Quadro II.5.3-98 – Relação de Bens Históricos e Naturais Tombados pelo IPHAN destacados dentro da AII e da AID da Atividade.

MUNICÍPIO	BENS TOMBADOS	DESCRIÇÃO	LIVROS DO TOMBO
Cabo Frio	Conjunto Paisagístico	Compreende a Capela de Nossa Senhora da Guia, ruínas do convento anexo, Capela e Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco, com o Largo de Santo Antônio até a orla do canal, o Forte de São Matheus, inclusive o penedo em que ele se assenta e toda a ponta da praia, constituindo uma área de proteção de 500 metros; e Morro do Telégrafo.	Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico Inscrição:041 Data:27-4-1967 Nº Processo:0757-T-65
Cabo Frio	Capela de Nossa Senhora da Guia	-	Livro de Belas Artes Inscrição:435 Data:15-1-1957
Cabo Frio	Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, Capela e Cemitério da Ordem Terceira de São Francisco	Obra representativa da arquitetura franciscana do séc. XVII. O conjunto teve início com o lançamento da pedra basilar, em 2 de agosto de 1684, e foi concluído em 13 de janeiro de 1696. Compõe o conjunto a Igreja de N. Sr. ^a dos Anjos, os remanescentes do Convento franciscano, a Capela dos Terceiros, o claustro e cemitério respectivos. À direita da igreja, restaram do convento apenas as paredes, as fundações e um arco interno. A pintura do teto da capela-mor e a imagem de Santo Antônio, no altar lateral direito, são do século XVII. As imagens nos nichos dos retábulos são do século XVIII.	Livro de Belas Artes Inscrição:436 Data:17-1-1957
Cabo Frio	Remanescentes do Forte de São Mateus	O forte, sucessor de outra fortaleza portuguesa no mesmo local, foi erguido em 1617 para combater o tráfico de pau-brasil. Localizado no ponto extremo da Praia do Forte, foi construído em uma ilhota rochosa na entrada da barra da Lagoa de Araruama para controlar o mar aberto por onde os navios inimigos poderiam aproximar-se e o Canal de Itajuru e acesso às terras interiores. Construção concluída em 1620. No início do século XVIII o forte foi guarnecido e, até 1760, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, os índios da Aldeia de São Pedro auxiliavam sua guarnição. Entre 1820 e 1920 o Forte foi transformado em lazareto, destinado ao isolamento de doentes. Restaurado em 1957 e é usado atualmente para exposições culturais pela Prefeitura.	Livro Histórico Inscrição:317 Data:5-10-1956
Campos dos Goytacazes	Capela de Nossa Senhora do Rosário do Engenho	-	Livro de Belas Artes, inscr: 258-A, em 16/4/1942. Nº proc:0174-T-39. Obs: inclui todo o acervo.
Campos dos Goytacazes	Solar da Baronesa de Muriaé	Uso atual:Academia Brasileira de Letras	Livro Histórico, inscr: 448, em 19/7/1974. Livro de Belas Artes, inscr: 517, em 19/7/1974. Nº proc: 0890-T-73. Obs: inclui 2 hectares de terra incorporados ao solar por doação e conjunto de palmeiras imperiais

(continua)

Quadro II.5.3-98 (conclusão)

MUNICÍPIO	BENS TOMBADOS	DESCRIÇÃO	LIVROS DO TOMBO
Campos dos Goytacazes	Solar de Santo Antônio	Construção da fase áurea do ciclo do açúcar, do início do século passado. Típica construção solarenga, com 14 janelas na fachada principal. Escadaria na entrada que conduz a um pátio interno guarnecido por grades de ferro artisticamente trabalhadas. A esquerda, há um pequeno campanário.	Livro Histórico, inscr: 242, em 24/7/1946. Livro de Belas Artes, inscr: 309, em 24/7/1946. Nº proc: 0176-T-38.
Campos dos Goytacazes	Solar do Visconde	-	Livro de Belas Artes, inscr: 295-A, em 21/9/1943. Nº proc: 0174-T-39.
Campos dos Goytacazes	Solar dos Airizes	-	Livro de Belas Artes, inscr: 276, em 19/2/1940. Nº proc: 0177-T-38.
Campos dos Goytacazes	Solar e Capela de Engenho do Colégio e capela	Engenho dos jesuítas, do final dos seiscentos. Edificação localizada em meio a extensa planície de canaviais, forma ampla e compacta quadra em torno de pátio central. A capela constitui a ala direita da quadra, e sua torre sineira localiza-se entre ela e a casa. Capela e torre apresentam-se com elementos diferenciados do resto da edificação. Restauradas pela Universidade Norte Fluminense para servir à Escola de Cinema.	Livro Histórico, inscr: 243, em 24/7/1946. Livro de Belas Artes, inscr: 308, em 24/7/1946. Nº proc: 0175-T-38.
Casimiro de Abreu	Casa natal de Casimiro de Abreu	Construção do início do século XIX, onde nasceu, em 1837, o poeta Casimiro de Abreu. Primitivamente a casa servia de embarcadouro, possuía trapiche sobre o rio e nas laterais residiam os pais do poeta.	Livro Histórico Inscrição:358 Data:13-3-1963
São João da Barra	Casa de Câmara e Cadeia	-	Livro Histórico, inscr: 398, em 27/4/1967. Nº proc: 0763-T-65.

Fonte: Arquivo Noronha Santos – IPHAN, 2007.

Em relação ao levantamento dos bens tombados na esfera estadual do patrimônio histórico e cultural dos municípios que compõem as Áreas de Influência Direta e Indireta das atividades, foi consultado o cadastro de bens tombados do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC. De acordo com este cadastro, foram encontrados 29 bens tombados nesses municípios: dois registros de bens tombados no município de São Francisco de Itabapoana, nove registros em Campos dos Goytacazes, dois em São João da Barra, três em Macaé, dois em Casimiro de Abreu, cinco em Cabo Frio, um em Búzios, um em Arraial do Cabo, dois em Saquarema e dois em Araruama. O único município pertencente à AI que não possui bens tombados na esfera estadual é Rio das Ostras, de acordo com os dados obtidos junto ao INEPAC. A listagem destes bens se encontra no Quadro II.5.3-99.

Quadro II.5.3-99 - Bens Tombados pelo INEPAC na AII e na AID da Atividade.

MUNICÍPIO	BENS TOMBADOS	DESCRIÇÃO	TOMBAMENTO/ LOCALIZAÇÃO
São Francisco de Itabapoana	Coreto da Praça de São Sebastião	Coreto erguido junto do rio Itabapoana, na divisa dos estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Seu aspecto gracioso é devido à delicadeza do guarda-corpo em cobogó de cimento e ao embasamento mais estreito que o corpo do coreto, que transmite uma certa leveza à construção.	Tomb. Provisório: 16.12.1985 Nº proc: E-18/300.288/85 Loc: Praça de São Sebastião em Itabapoana
São Francisco de Itabapoana/ São João da Barra	Litoral fluminense: foz do rio Paraíba do Sul	Na divisa dos municípios de São Francisco de Itabapoana e São João da Barra, compreende a foz do rio Paraíba do Sul, incluindo todo o manguezal, bem como a Ilha da Convivência e as outras vizinhas	Tomb. Definitivo: 11.05.1987 Nº proc: E-18/300.459/85 Loc: divisa com São João da Barra
Campos dos Goytacazes	Liceu de Humanidades – Solar Barão da Lagoa Dourada	Edificação neoclássica, residência do barão da Lagoa Dourada, proeminente aristocrata de Campos. Construída em 1864, era a edificação mais monumental e rica da cidade. Uma comissão de cidadãos angariou fundos para adquirir o imóvel e, em 1884, o Liceu, tradicional escola da cidade, abriu as portas neste endereço.	Tomb. Definitivo: 27/01/1988. Nº proc: E-03/200.098/81 Loc: Praça Barão do Rio Branco, nº 15
Campos dos Goytacazes/ Macaé/ Casimiro de Abreu/ Saquarema	Serra do Mar/ Mata Atlântica	De grande valor geológico, geomorfológico, hidrológico e paisagístico. Banco genético de natureza tropical, dotado de ecossistemas representativos da fauna e da flora e funciona como regulador da qualidade ambiental e dos recursos hídricos da área litorânea do Planalto Atlântico. A escarpa da Serra do Mar exibe os últimos remanescentes da cobertura florestal original do estado de São Paulo, fundamentais para a estabilidade das vertentes de alta declividade aí presentes, sujeitos aos maiores impactos pluviométricos conhecidos no país.	Tomb. Provisório: 06/03/1991. Nº proc: E-18/000.172/91 Loc: o território de 38 municípios do Rio de Janeiro
Campos dos Goytacazes/ Macaé	Canal Campos-Macaé	Uma das maiores obras de engenharia do séc. XIX, idealizado pelo inglês John Henry Freese com o objetivo de ligar o rio Paraíba do Sul ao rio Macaé, facilitando o escoamento da produção açucareira para o porto de Imbetiba, em Macaé, até o Rio de Janeiro. Construção iniciada em 1844, utilizando mão-de-obra escrava. Considerada “obra faraônica” para a época, o canal de 109 km foi inaugurado em 1861, começando a operar em 1872, com viagens regulares do vapor Visconde.	Tomb. Provisório: 30/12/2002. Nº proc: E-18/001.134/2002 Loc: corta Campos, Quissamã, Carapebus e Macaé, incluindo trecho urbano de Campos, Canal do Cula ou Grande Canal.
Campos dos Goytacazes	Colégio Estadual Nilo Peçanha	Prédio de 3 andares inaugurado em 1923. A decoração arquitetônica no exterior é de um ecletismo contido e erudito. O interior é marcado pela integração espacial dos andares e por uma original transparência e luminosidade nos generosos espaços comuns.	Tomb. Provisório: 17/10/2003. Nº proc: E-18/001.338/2003 Loc: Rua Doutor Lacerda Sobrinho, nº 119, Centro.
Campos dos Goytacazes	Coreto na praça Barão do Rio Branco	Ampla praça que ainda mantém o ambiente de praça do interior, reforçado pela presença do coreto, cujo curioso formato da cobertura, sustentada por elementos estruturais em ferro e a longa escada de acesso individualizam este coreto que sobressai no contexto da praça.	Tomb. Provisório: 16/12/1985. Nº proc.: E-18/300.288/85 Loc.: Praça Barão do Rio Branco.
Campos dos Goytacazes	Hotel Amazonas (antiga casa do Barão de Pirapitinga)	Construído na segunda metade do séc. XIX para residência da família do barão de Pirapitinga, contemporâneo do palacete do barão da Lagoa Dourada. Edifício de 2 pavimentos com notável sacada em belo trabalho de ferro fundido que se prolonga em toda a extensão do primeiro andar.	Tomb. Provisório: 23/07/1987. Nº proc: E-18/300.595/85 Loc: Rua Barão do Amazonas, nº 58
Campos dos Goytacazes	Hotel Gaspar	Edificado por volta de 1830. Com 3 pavimentos, faz parte do conjunto de prédios de arquitetura eclética que compõe a praça São Salvador. No salão nobre foram realizadas muitas reuniões durante o episódio da participação campista na luta pela Proclamação da República.	Tomb. Provisório: 23/07/1987. Nº proc: E-18/300.595/85 Loc: Praça São Salvador, nº 30

(continua)

Quadro II.5.3-99 continuação)

MUNICÍPIO	BENS TOMBADOS	DESCRIÇÃO	TOMBAMENTO/ LOCALIZAÇÃO
Campos dos Goytacazes	Lira de Apolo	Sociedade musical fundada em 1870. Edifício foi inaugurado em 1912. Sobressai do conjunto arquitetônico eclético remanescente na praça pelo tratamento mais elaborado de sua fachada e pelos 2 telhados pontiagudos, arrematados por uma lira estilizada. Em 1990, um incêndio no prédio destruiu seu interior e cobertura.	Tomb. Provisório: 23/07/1987. Nº proc: E-18/300.595/85 Loc: Praça São Salvador, nº 63
Campos dos Goytacazes	Solar do Visconde de Araruama	Integra um grupo de 4 imóveis no centro histórico da cidade. O solar foi construído no fim do séc. XVIII e é integrado por 2 sobrados ligados internamente. A fachada do prédio principal segue o estilo neoclássico. No séc. XIX foi residência do visconde de Araruama e depois abrigou a Câmara, a Prefeitura, a Biblioteca Municipal e a Secretaria da Fazenda.	Tomb. Provisório: 23/07/1987. Nº proc: E-18/300.595/85 Loc: Praça São Salvador, nº 40
São João da Barra	Imóvel onde funcionou o Grupo Escolar Alberto Torres	Edificação de 1922, em 2 pavimentos, com arquitetura típica dos chalés, padrão característico de construção residencial desenvolvida no fim do séc. XIX e início do XX. Destacam-se na fachada principal o balcão corrido, o tímpano com óculo e os lambrequins do beiral. Escada lateral em cantaria dá acesso ao pavimento superior. Adquirido pelo governo do Estado, passou a funcionar na edificação o Grupo Escolar Alberto Torres. Em processo de arruinamento, encontra-se desocupado.	Tomb. Definitivo: 03/01/1979. Nº proc: E-03/16.510/78 Loc: Rua dos Passos, nº 121
Macaé	Palácio dos Urubus	Sobrado construído por volta de 1870, hoje inserido na malha urbana, destaca-se como importante monumento da cidade. Arquitetura sóbria, senhorial, apegada à tradição luso-brasileira. A edificação utiliza elementos do vocabulário neoclássico sem alterar sua linguagem construtiva colonial. De aspecto compacto, recebe um grande telheiro com as pontas em rabo-de-andorinha e terminando em beirais sobre a cornija. Um mirante rompe a cobertura e destaca-se no volume da edificação. Abandonado, o Palácio vem sofrendo um processo de arruinamento, apesar de diversas iniciativas do poder público.	Tomb. Definitivo: 08.02.1979 Nº proc: E-03/16.512/78 Loc: Rua Dr. Têlio Barreto, nº 779
Casimiro de Abreu	Igreja de São João Batista	Implantada no alto de um promontório a 4m do nível do mar, na foz do rio São João. Teve sua origem numa capela já existente no século XVIII, ampliada em 1846, quando Barra de São João foi elevada à categoria de Vila. A esquerda situa-se o cemitério da extinta irmandade de São João Batista e ao fundo, o cemitério da extinta irmandade do Sumo Sacramento, onde se encontram os túmulos do poeta Casimiro de Abreu e de seu pai.	Tomb. Definitivo: 16.04.1979 Nº proc: E-03/40.154/78 Loc: Num pequeno morro rochoso, no pontal entre este e a barra do rio São João, em Barra de São João.
Cabo Frio	Palácio das Águias	Sobrado urbano do fim do séc. XIX, de um gosto eclético ingênuo, ornamentado com elementos de estuque fabricados em série, como as águias sobre a platibanda. Um dos últimos remanescentes da paisagem cultural da antiga rua Direita, tornou-se símbolo da luta pela preservação do patrimônio arquitetônico da cidade que, em requerimento com mais de mil assinaturas, pediu o seu tombamento.	Tomb Prov: 12.06.1989 Nº proc: E-03/18.229/88 Loc: Rua Érico Coelho, nº 48
Cabo Frio	Edifício das Charitas	Edificação iniciada no séc. XVIII, passou por 3 grandes etapas construtivas ao longo dos anos. Da 1ª construção restam as fachadas laterais e o bloco ocupado pela capela-mor e sacristia. Do séc. XIX é a fachada principal com a evocação da virtude teológica da Caridade (inscrita no friso em latim: Charitas). Esse título passou a designar o modo como o edifício é conhecido pela população. Durante o séc. XX acrescentaram-se anexos que não romperam a unidade neoclássica externa.	Tomb Provisório: 18.01.1979 Nº proc: E-03/39.570/78 Loc: Avenida Assunção, nº 855

(continua)

Quadro II.5.3-99 (continuação)

MUNICÍPIO	BENS TOMBADOS	DESCRIÇÃO	TOMBAMENTO/ LOCALIZAÇÃO
Cabo Frio/ Arraial do Cabo	Dunas	Originárias da sedimentação marinha e do vento nordeste, essas formações são únicas no estado, como ecossistema ímpar, patrimônio botânico e paisagem, com exceção das áreas militares da Marambaia. Há orquídeas e filodendros que só ali vicejam, amarradas pela vegetação da restinga ou varridas pelos ventos que as esculpem. Símbolo de identidade da região, à imagem da mais famosa entre elas, a Duna-Mãe, conhecida como Dama Branca, é circundada por corredores de dunas móveis ou já fixadas por vegetação de restinga. O tombamento resultou de estudo realizado com a Feema.	Tomb Definitivo: 08.04.1988 Nº proc: E-07/201.717/84 Loc: As formações se estendem pela orla oceânica desde a praia do Forte em Cabo Frio até a praia do Pontal, junto do morro do Forno em Arraial do Cabo
Cabo Frio	Sítio Histórico da Fazenda de Campos Novos	Numa colina circundada por um descampado, é remanescente da antiga fazenda da Cia de Jesus. O conjunto arquitetônico do final do século XVII, composto por casa-grande, igreja de Santo Inácio e cemitério, forma uma quadra com claustro interno nos moldes da arquitetura jesuítica dos primeiros séculos da colonização. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, a área foi incorporada aos bens da Coroa. Em 1822-1823, as terras foram objeto de reforma agrária. Em 1993, a sede da fazenda foi desapropriada. Na casa-grande conservam-se os tetos de madeira em forma de gamela. O interior da igreja mantém-se íntegro. A estrutura arquitetônica original está preservada e pode ser percebida, apesar dos acréscimos.	Tomb Prov.: 24.07.2003 Nº proc: E-18/000.881/2003 Loc: Rodovia Amaral Peixoto – RJ 106, Km 124
Cabo Frio	Largo de São Benedito e adjacências	Igreja e Largo de São Benedito e respectivos imóveis. O conjunto, com casario tradicional é constituído de edificações dos sécs XIX e XX, com 1 ou 2 pavimentos, a mais antiga remontando ao séc. XVIII. É notável a igreja oitocentista dedicada a São Benedito. O bairro é o mais antigo da cidade. A denominação Passagem deve-se à existência de um porto no canal de Itajuru, para embarque e desembarque de mercadorias, incluindo o tráfego de escravos e do pau-brasil. Foi berço dos blocos carnavalescos que marcaram a presença da cultura negra no local.	Tomb. Provisório: 31.12.2002 Nº proc: E-18/001.729/2002 Loc: Bairro da Passagem
Armação dos Búzios	Bens culturais e naturais do litoral de Armação dos Búzios	A beleza cênica da península de Armação dos Búzios, somada às características ambientais, faz com que o município seja um dos mais importantes pólos turísticos do país. No entanto, uma visão equivocada desse turismo e a falta de limites à ocupação humana, coloca sob constante ameaça a preservação desses sítios naturais. O tombamento pretende salvaguardar da destruição dois trechos desse litoral – Área 1 e Área 2 – que ainda mantêm a integridade e originalidade dos ecossistemas típicos da região, agregados ao excepcional valor científico e cultural. A paisagem é composta por costões rochosos e promontórios com contornos recortados, revestidos por vegetação nativa, entremeados por praias rústicas com areias finas e pedregosas banhadas pelas águas claras e azuis do Oceano Atlântico. Do ponto de vista botânico, ressalta-se a vegetação nativa, classificada como Estepe Arbórea Aberta, localizada nos solos rasos dos costões rochosos, nos topos de morro, nos grotões e encostas em declive. As áreas tombadas constituem-se em amostras da história geológica e biológica de formação do continente americano, ocorrida há cerca de 500 milhões de anos pela colisão de massas continentais, originando uma gigantesca cadeia de montanhas, a Orogenia Búzios – apresentando configuração comparável à da cordilheira do Himalaia.	Tomb Provisório: 17.10.2003 Nº proc: E-18/001.337/2003 Loc: Área 1 – Sítio Natural com 7,4 he, entre o lado oeste da praia do Canto, e a enseada da Tartaruga, lado leste, contorna o litoral e abrange a praia dos Amores, a ponta da Cruz e a praia das Virgens e os costões. Área 2 – Sítio Natural com 52,2 he, vertente da costa leste do município, entre a Ponta de João Fernandes, ao norte e a Ilha do Boi, ao sul. Inclui o promontório do Cabo Búzios, contorna o litoral e abrange as Pontas do Boqueirão, Criminosa, do Olho de Boi, Grossa, a do Forno, a da Lagoinha, as Praias Brava, a da Foca, a do Forno, o Saco do Forninho e os costões rochosos entremeados por pequenas praias.

(continua)

Quadro II.5.3-99 (conclusão)

MUNICÍPIO	BENS TOMBADOS	DESCRIÇÃO	TOMBAMENTO/ LOCALIZAÇÃO
Saquarema	Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré	Manoel Aguillar Moreira e sua mulher Catarina mandaram erigir, em 1660, no outeiro à beira-mar, sobre a orla da lagoa de Saquarema, uma capela dedicada à N. Sra de Nazaré. Em 1675 o prédio foi substituído por outro maior. Por volta de 1820 foi construída, sobre os alicerces da antiga capela, a igreja de N. Sra de Nazaré. Possui nave única com capela-mor ao fundo e corredor lateral junto da torre sineira. Atrás da igreja fica o cemitério local. Este culto veio de Portugal, da localidade de pescadores denominada Nazaré, em homenagem à cidade de nascimento da Virgem. Em geral, as igrejas dedicadas à N. Sra de Nazaré se localizam sobre um rochedo à beira-mar e devem ser vistas a grande distância, pois a devoção está ligada à proteção dos navegantes e pescadores. Este parece ter sido o 1º templo erguido no Brasil sob esta invocação de Nossa Senhora.	Tomb Provisório: 14.08.2001 Nº proc: E-18/001.042/99 Loc: Outeiro entre a praia de Itaúna e a antiga Praia Barra Nova
Araruama	Fazenda Aurora	Exemplar de arquitetura rural do início do século XIX, composto pela casa-grande, engenho e senzalas, mantém no seu interior raras pinturas murais em trompe l'oeil e trabalhos em estuque. Foi construída pelo casal Francisco Pereira da Costa Vieira e Gertrudes Maria Custódia, ele de origem açoreana, ela natural de Araruama. Em meados do século XIX, a fazenda prosperou com o surto cafeeiro na região, entrando em declínio, em seguida, com a supremacia do café do Vale do Paraíba paulista, por volta de 1885. Ainda hoje, nos dois sentidos da atual rodovia que corta a região, sua bela arquitetura de feição neoclássica impõe-se na paisagem.	Tomb Provisório: 14.08.2001 Nº proc: E-18/000.251/2000 Loc: km 26 da rodovia RJ-124
Araruama	Imóvel no Km 85 da rodovia Amaral Peixoto	Autoria do arquiteto Lucio Costa. A casa de veraneio, construída em 1944, para o cirurgião Pedro Paulo Paes de Carvalho, representa o projeto de uma arquitetura moderna nacionalizada. Casa térrea, com dois corpos intercalados por pátio com alpendre e jardim, constitui-se em um exemplo de conjugação da arquitetura moderna com elementos da arquitetura tradicional brasileira. A simplicidade da construção valoriza o êxito plástico do conjunto.	Tomb Definitivo: 10.09.1992 Nº proc: E-18/001.171/90 Loc: Km 85 da rodovia Amaral Peixoto

Fonte: INEPAC, 2007.